

GT 02 - EDUCAÇÃO, TRABALHO E ESCOLA

ALIENAÇÃO, IDEOLOGIA E CRÍTICA À EDUCAÇÃO REPRODUTIVISTA

João B Coelho Cunha¹

Resumo

Com este estudo pretende-se desenvolver algumas considerações sobre a teoria da alienação de Karl Marx e o processo pelo qual a educação mimetiza o modo como a sociedade industrial funciona, a partir das escolas até as universidades há uma reprodução estrutural do capitalismo industrial que impera condicionamentos ideológicos. Além disso, esse texto tem como objetivo relacionar as instituições sociais e educativas com os processos de alienação, inclusive deixar claro como se dá o processo de submissão dos valores éticos destas instituições ao mercado de capital econômico. Por fim, uma abordagem sobre uma educação *sadismo-masoquismo*.

Palavras-chave: Alienação. Ideologia. Educação Reprodutivista.

Introdução

Esta pesquisa tem como perspectiva uma análise histórica dedutiva com o objetivo de trazer alguns questionamentos e possíveis respostas para questões relacionadas à política, educação e sociedade. Na primeira parte traçamos uma pequena contextualização e algumas considerações sobre a principal obra desse estudo *Manuscritos Económico-Filosóficos* de Karl Marx, buscamos definir o conceito geral de alienação.

Um importantes recorte para a reflexão sobre a alienação, trataremos sobre à alienação e a estrutura do trabalho; a negação da alienação; as ideologias; os aparelhos ideológicos de Estado. Como as estruturas funcionam para manter os sujeitos reacionários as transformação da sociedade e imunes a qualquer manifestação de defesa de classe. Exporemos sobre o condicionamento dos trabalhadores; sobre a possibilidade ética partindo de um condicionamento alienante; e o motivo da passividade de trabalhadores que não reagem perante desmoralização e depredação profissional.

Na segunda parte do artigo desenvolveremos uma crítica, “o aprender - sadismo e masoquismo”, uma correlação com à alienação. Nesta crítica, a proposta não é determinar a

¹ Mestrando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, jornalcaf1@hotmail.com

educação e o processo educativo como alienação pura, pois não há um trabalho material envolvido, mas sim, colocar a educação como a preparação dos homens para serem alienados no ambiente de trabalho futuro.

Nas considerações finais apresentamos pontos de vista dos resultados da pesquisa e suas possibilidades junto à comunidade acadêmica, além de expor os nossos resultados epistemológicos e metodológicos em processo de reflexão neste estudo.

Os manuscritos econômico-filosóficos

Em 1844, propriamente entre os meses de março a setembro, Karl Marx escreve os “*Manuscritos Econômico-Filosóficos*”, com 26 anos de idade acabara de se casar com Jenny Von Westphalen, instalado na França para a organização e publicação dos *Anais Franco-Alemães*, uma revista sobre economia e política. Esse empreendimento não passou da primeira publicação, mas para Marx sua estada na França resultou mais do que apenas a realização de uma revista, sua marca começa aparecer na história a partir da composição dos *Manuscritos*.

Sua atividade intelectual se manteve incessante, Marx aprofundou seus estudos nos economistas clássicos que lhe concentraram bagagem teórica suficiente para descrever com astúcia e minuciosamente sobre termos como: lucro; renda; dinheiro; propriedade privada e assim por diante. Além da história da Revolução Francesa que lhe rendeu a forma de concepção materialista da história. Como atividade política participa de reuniões ligadas a organizações de artesões, momento esse que deixa de posicionar-se como *radical-democrata*, para elucidar e fortificar o seu pensamento comunista.

Mas os Manuscritos foram publicados apenas 50 anos após sua morte, pode-se dizer que é uma obra com uma composição peculiar, constam fragmentos de ensaios que formam um esboço, sua escrita nesse momento não mostra uma avidez e refinamento orgânico como de outras obras, mas define sua forma polêmica, “sarcástica” e muito coerente do que fundamenta universalmente as relações humanas.

Marx estabelece uma concepção histórica como o fruto da conjuntura das circunstâncias, na obra dos *Manuscritos*, a edificação da sua teoria é baseada em uma relação concreta entre a produção capitalista e o resultado da produção na vida social, o trabalho humano é entendido como a função social de todo homem. "A atividade produtiva é, portanto, a fonte da consciência, e a ‘consciência alienada’ é o reflexo da atividade alienada ou da alienação da atividade, isto é, da auto alienação do trabalho". (MÉSZAROS, 1981, p.76)

O *humano* e a sua autocriação, suas abstrações subjetivas determinadas pela função exercida, o homem cria na sociedade objetos materiais em forma de riqueza, mas ao mesmo tempo esta riqueza pode dominá-lo para torná-lo produto da sociedade ao qual ele mesmo desenvolve, ou seja, torna-se alienado por aquilo que foi de sua criação.

Desse ponto de vista a elaboração do contexto da alienação mostra que a economia política não se importa com a fundamentação sobre a propriedade privada, mas sua existência está exatamente na espoliação dos trabalhadores, e claro, no trabalho alienado acumulado. Todo o antagonismo presente nessa relação é baseado na condição de se obter o lucro apenas com a possibilidade de alienar os trabalhadores. Assim, para Marx a possibilidade de se viver em uma sociedade sem antagonismos poderia se seguir destituindo a propriedade privada para comunal e instaurando o comunismo como relação social, econômica e política.

1.1 - A alienação e seus Conceitos

O homem como um ser material, biologicamente mantém um desenvolvimento do corpo de acordo com as necessidades empregadas no cotidiano da vida, em relação ao trabalho que realiza e os aspectos que interferem no seu esforço prático. No cotidiano do trabalho o homem transforma o seu corpo, mas as suas relações sociais também o modelam; o homem sabe que vive em sociedade e antes mesmo de se imaginar em um grupo social percebe que sua existência humana carrega consigo a identidade de todos os homens.

A teoria da alienação ou mesmo à alienação não implica de maneira individual como se fosse uma doença para poucos, pelo contrário, às decisões de um homem por mais simples que sejam, trará um aspecto universalizado, “a decisão de um homem, é uma decisão para toda a humanidade” (Sartre, 1986, p.118).

O termo alienação foi muito utilizado fora do contexto filosófico, no caso do direito para representar um bem que foi retirado de sua propriedade (expropriada na forma de roubo, venda e compra). Na psiquiatria como diagnóstico de doença psíquica. De todo modo representa a cisão entre algo e alguma coisa. Na filosofia, Hegel empregou inicialmente o conceito de alienação utilizando-o na obra *Fenomenologia do Espírito*, trás a defesa da compreensão do espírito Absoluto. Todo o sistema de Hegel é construído a partir da noção de alienação e desalienação frente à natureza. A auto alienação é concebida no *espírito finito*, ou seja, no homem.

O homem é caracterizado e colocado como qualquer outra coisa natural e como a natureza que é a forma auto alienada da ideia do Absoluto. Assim, o homem pode torna-se desalienado na

medida que desenvolve a construção e entendimento do *Absoluto*, ou seja, conhecer a natureza e buscar o autoconhecimento. O processo é contínuo entre auto alienação e desalienação.

A criação de objetos materiais de todas as ordens sociais, culturais e objetificações físicas são uma forma de alienação para Hegel. Marx utiliza a concepção de autocriação de Hegel “a autocriação do homem como um processo, a objetificação como perda do objeto, como a alienação e transcendência dessa alienação...”, mas critica Hegel na identificação da objetificação com a alienação e por ter considerado o homem como *autoconsciência* e a alienação do homem como a alienação de sua *consciência*. “Toda a alienação da vida humana não passa, portanto, de sua *autoconsciência*” (Dicionário Marxista –verbete, p. 241).

O conhecer é ponto central na fenomenologia de Hegel porque parte de uma razão na própria razão. No termo “Absoluto”, o entendimento das questões materiais é algo de menor importância, mas do ponto de vista da razão, considera que a realidade abstrata e subjetiva é a realidade plena; o espírito absoluto é algo que se deve chegar através do uso racional da cognição.

Feuerbach, filósofo materialista, inicialmente concorda com as teorias de Hegel, até participa de um grupo de jovens para debate político-filosófico nomeado de “hegelianos de esquerda”, mas posteriormente desenvolve uma crítica a condição de retorno do espírito absoluto de Hegel, escrevendo assim uma obra dedicada à crítica ao cristianismo, expondo também sete teses sobre o materialismo. Feuerbach foi um dos principais autores que fundamentaram o materialismo como o é hoje, segundo o pensador:

à alienação religiosa faz com que os sujeitos possam se tornar produto de um meio, neste caso, o homem deveria abolir a existência de Deus e desenvolver suas atividades em uma essência humana; desse modo quando o homem cria um “ser” superior, abstrato, e passa a venerá-lo, se aliena. À alienação poderia ser extinta caso o homem pudesse se desvincilar e abolir essa imagem divina e preparar-se para tornar-se emancipado de *si*. (FEUERBACH, 1989)

Marx descreve o materialismo de Feuerbach como uma base teórica importante, mas considera que há crítica acentuada apenas à religião e descreve a possibilidade de um materialismo baseado na prática, fundamentado no trabalho humano como função social. Então, a doutrina de Marx transforma-se em ciência baseada no materialismo histórico, sendo a constituição das condições materiais como o desenvolvimento contínuo da história.

O materialismo dialético se trata da condição social, mas não uma condição fixa, no materialismo dialético se utiliza a dinâmica das contradições (Tese, síntese, antítese) para compor com precisão as respostas para as transformações inevitáveis da sociedade. Marx não entende este

materialismo como puro sensível ou puro material e físico, mas sim, como relações sociais de produção econômica que se opõe ao idealismo espiritualista hegeliano, onde a força motriz que move a história é a ideia, o espírito, a consciência.

O trabalho é tido como o ponto central de toda a mudança real da sociedade, de sua constituição histórica, em culturas mais antigas, percebeu-se que o homem no estado de natureza realizava desalienado sua atividade, tendo em vista a necessidade direta pela sobrevivência; viviam em comunidade, mas recebiam integralmente os frutos do seu trabalho.

Quando o homem na modernidade passa a exercer sua atividade com o advento da revolução industrial, com o aprimoramento de técnicas de trabalho e a divisão do trabalho industrial, vai aos poucos deixando o trabalho camponês para uma atividade na condição de operário nas cidades e nos burgos zoneais. Aos poucos os trabalhadores se tornam mercadoria, para a obtenção do lucro como propriedade privada.

O trabalhador tem a infelicidade de ser um capital vivo e, portanto, com necessidades, que em cada momento em que não trabalha perde os seus juros e, por conseguinte, a existência. Como capital, o valor do trabalhador varia de acordo com a procura e a oferta, e a sua existência física, a sua vida, foi e é considerada como uma oferta de mercadorias, semelhante a qualquer outra mercadoria. O trabalhador produz o capital, o capital produz o trabalhador. Assim, ele produz-se a si mesmo, e o homem enquanto trabalhador, enquanto mercadoria, constitui o produto de todo o processo. O homem não passa de simples trabalhador e, enquanto trabalhador, as suas qualidades humanas existem apenas para o capital, que lhe é estranho (MARX, 1964, págs. 160-161).

Podemos dizer que à alienação pode ser entendida a partir de cinco pontos que não são ordenadamente crescentes ou decrescentes, não se submetem a alguma ordem, mas se relacionam na mesma condição ao objeto, o trabalho e aos trabalhadores.

Assim, o trabalho alienado ao qual os homens se submetem seriam; a) alienação do homem em relação à natureza; b) alienação do homem de si mesmo, reduzido a condição de objeto na sua atividade produtiva, na sua função social; c) alienação de sua sobrevivência humana, da sua espécie, transformando-o em subserviente a necessidades animais; d) alienação do trabalho em si, que seria o processo que se subdivide em uma cisão interna; e) alienação do produto, onde é incapaz de obter o próprio produto que criou e trabalhou.

Como definição soviética, alienação se define como categoria filosófica e sociológica que expressa a transformação objetiva da atividade do homem e de seus resultados numa força independente, que o domina e lhe é contrária, e também a

correspondente transformação de sujeito ativo em objeto do processo social". (Ogurtsov, verbete - *A grande encyclopédia soviética 1926-1947.*)

"Toda a alienação do homem de si mesmo e de sua natureza surge na relação que ele postula entre outros homens, ele próprio e a natureza". (MARX. 1968, p. 168)

a) Assim como o homem depende de condições materiais para sobreviver (comida, água, abrigo, etc...). Depende essencialmente do seu trabalho, tudo o que precisa está na natureza, logo, a natureza é a extensão inorgânica do homem, acontece que no trabalho alienado a natureza deixa de ser a extensão do homem para tornar-se pragmática a realização material de mercadorias.

b) O homem separado do seu trabalho e dos frutos de seu trabalho não desenvolve uma atividade livre, se o homem é universal quanto a sua natureza humana, no momento que ele é alienado por outro homem para a produção objetiva de mercadoria ele próprio se "coisifica" como mercadoria, aliena-se não somente o indivíduo a si mesmo, mas também o indivíduo a sua espécie.

c) Dizer que o homem vive pela metade, seria uma ingenuidade linguística e filosófica, embora, a sua função produtiva esteja absolutamente voltada para uma linha de produção individual, o homem não trabalha para a sua transformação, mas sim para a sobrevivência. O homem perde a sua condição humana quando no ato pela pura sobrevivência se coloca como um animal, anula-se quando nega toda a condição de vida, tornando-se um meio para tentar sobreviver e não propriamente para viver.

d) Com as transformações da organização do trabalho, e sua redistribuição, o homem não exerce sozinho a sua atividade, produzindo apenas uma parte do objeto, portanto, ele perde a condição de criador, e aliena-se do objeto construído e do próprio trabalho desempenhado.

e) Com o desenvolvimento do *fetichismo* da mercadoria, o valor dos produtos frutos do trabalho não são os únicos critérios para o valor da mercadoria, mas também um valor de desejo construído de maneira abstrata. O sujeito é capaz de fabricar, mas não pode obter esse bem.

1.2 – A alienação e as estruturas do trabalho

Os povos se mantiveram em sociedade devido à sobrevivência do grupo, os primeiros seres a evoluírem dos hominídeos para o "humano" no período paleolítico já exerciam a divisão do trabalho como organização, isso contribuiu para manterem-se vivos. É notório em uma análise materialista histórica percebermos as grandes mudanças materiais, avanços e evoluções, mas o que prevalece dentro de um contexto da totalidade é que o homem mantém a pulsação do mundo e sua transformação com a ação do trabalho.

Para os seres humanos a natureza inorgânica está imediatamente ligada ao meio de vida, a extensão do homem é a natureza inorgânica, sem ela ele não sobreviveria, e é com ela que desempenha suas atividades. O trabalho é exterior ao trabalhador, não pertence a sua natureza, portanto, a construção moderna do trabalho não é algo natural, os humanos nesse caso, não se afirmam no trabalho, pelo contrário se negam no trabalho pois não é um trabalho livre, e sim um trabalho forçado, apenas se trabalha na medida de satisfazer as necessidades vitais.

A relação e ordem estabelecida entre trabalhador, não-trabalhador e trabalho é constituída na medida que a alienação apropria-se do trabalhador, na medida que o trabalhador apropria-se do trabalho, e o não-trabalhador apropria-se do trabalho acumulado pelo trabalhador. O capitalismo pode ser considerado anti-humanista na medida em que as relações humanas são “coisificadas”, na transformação do homem em mercadoria, a alienação se implanta em toda a sociedade criando um valor distorcido do que as coisas são.

As relações humanas inúmeras vezes passam a ser ditadas pelo mercado de forma a quantificar ao invés de qualificar, assim, o trabalhador é visto como o principal erro no processo produtivo do futuro, pois não consegue desempenhar suas atividades com a mesma perfeição e velocidade de trabalho com que as máquinas operam.

149

Mesmo com capacidade de superar as necessidades materiais da população, cada vez mais a sociedade caminha para um mundo hostil ao seres humanos. A crise da modernidade, se fundamenta no medo das relações humanas marcadas pela instabilidade, medo das condições econômicas em constante transformação, dicotomia do emprego e desemprego, o receio se justifica pois a situação econômica determina suas relações humanas.

1.3 - Ideologias e a alienação

Podemos perceber que embora haja uma continuidade de contradições e antagonismos de classes sociais, ainda assim a classe burguesa se mantém no poder político, mas não apenas dominam com o uso da força bruta, o que mantém a classe dominante no poder são os Aparelhos Ideológicos de Estado - AIE. A ideologia é um subsídio essencial para que o corpo político não se revolte, para que aprendam a não exercer qualquer tipo de ação ou revolta (reacionarismo).

"A ideologia não tem história". Este termo foi muito utilizado por Althusser para designar a condição subjetiva dos sujeitos em relação a ideologia.

“o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do Sujeito, portanto, para que aceite (livremente) a sua sujeição, portanto, para que “realize sozinho” os gestos e os atos da sua sujeição. Só existem sujeito para e pela sua sujeição. É por isso que “andam sozinhos”. Não podemos entender este conceito como se a ideologia tivesse uma vida própria, ou formada individualmente em cada sujeito. A questão principal está na relação de classes sociais, onde há uma separação da produção fabril da produção intelectual, os pensadores se distanciam da realidade de produção material e definem conceitos que não são condizentes com a realidade histórica. (ALTHUSSER, 2001, p. 101)

As separações das ideias nas classes sociais formam uma ilusão, dão a entender que são autônomas, mas são essencialmente ideias da classe dominante, porque transformam ideias particulares em ideias universais, que no geral passam como sendo normais; interpelem os conceitos de desigualdade entre os homens e legitimam as condutas do Direito, da família, do Estado, no mesmo contexto. “Um mascaramento da realidade social que permite a legitimação da exploração e da dominação. Por intermédio dela tomamos falso por verdadeiro, o injusto por justo” (CHAUÍ, 2006, p. 68).

Compõem como ideologias dominantes, todas as instituições sociais acolhidas pelo Estado, tais como: AIE religiosos (o sistema das diferentes Igrejas); AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e privadas); AIE familiar; AIE jurídico; AIE político (o sistema político, os diferentes Partidos); AIE sindical; AIE cultural (Letras, Belas Artes, esportes, etc.); AIE de informação (a imprensa, o rádio, a televisão, etc.). Os Aparelhos Ideológicos de Estado são necessariamente entidades, instituições especializadas, não necessariamente pública ou privada. (ALTHUSSER, 2001, p. 86)

Os AIE's em suma utilizam a lógica de ideologia da classe dominante com ideias imaginárias fora do contexto histórico para disseminar conceitos que são entendidos como universais, criando um aspecto de conformação. Todos os AIE funcionam em conjunto com os Aparelhos Repressivos de Estado - ARE, que seriam (polícias, forças armadas, tribunais).

Os AIE's são a parte mais importante para se manter a ordem das coisas e a manutenção dos interesses da classe dominante. Mas não se torna suficiente quando em atos de protesto, manifestação pública, milícias e confrontamentos na luta de classes, neste momento quando é necessário um confronto físico de violência coerciva, entram em cena os ARE. Os sujeitos que permanecerem com desejo de mudanças são criminalizados e penalizados.

A educação sendo um dos aparelhos ideológicos do Estado tem um dos papéis mais importantes dentro da ótica do Capital. A partir da constituição de um sistema educacional formal e não formal, escola e família, estes dois AIE's foram considerados os mais importantes para o

controle ideológico da sociedade, no processo de educação formal o AIE – Religioso foi substituído pelo AIE - Escolar devido principalmente a instrumentalização e modernização da sociedade industrial.

O problema principal da alienação conjunta com a ideologia é que há um mascaramento produtivo, os indivíduos não conseguem perceber e reconhecer o efeito de sua ação social, pois o trabalhador se vê de forma individual e isoladamente. No caso da educação, os estudantes compreendem que há uma educação para o trabalho, mas não são capazes de compreender dentro da escola todo o processo de alienação que estarão emergidos no processo produtivo capitalista.

1.4 - Os condicionamentos (educação - trabalho)

Nas experiências behavioristas, para que o sujeito armazenem o maior número de informações é necessário que ocorram modificações permanentes nas *sinapses* das redes neurais de cada memória, e para a evocação de uma memória é necessária à reativação de redes *sinápticas* de cada memória armazenada. Quando um comportamento é repetidamente seguido de resultados agradáveis ao indivíduo ele tende a ser desempenhado com maior frequência sob condições similares. Entretanto, se o comportamento for geralmente seguido de consequências desagradáveis, este tende a ser repetido com menos frequência, sob condições semelhantes. Dessa forma, a base do condicionamento clássico é a associação entre estímulos, enquanto que no condicionamento operante a base é a associação entre o estímulo e o comportamento do animal analisado.

As ideias de liberdade, autonomia, dignidade e criatividade são ficções sobre comportamento sem valor explicativo e científico, na medida em que apenas expressam tipos variados de condicionamento; o comportamento pode ser modelado através da administração de reforços positivos e negativos, o que implica também numa relação causal entre reforço (causa) e comportamento (efeito). (SKINNER, 1982 p. 82)

O autor Skinner destaca as características de análise do comportamento e como ele pode ser administrado ou condicionado. Os sujeitos já nascem dentro das entidades, se consolidam e aprendem com ela, com isto, interiorizam a noção do certo e do errado, do valor das coisas materiais e humanas com essa mesma entidade. Todas estas questões propiciam um molde nos indivíduos, uma forma reacionária que nos impede de prosseguir com a mudança social, pois foi internalizada na infância, adolescência e fase adulta que a ideologia tida como verdadeira é também a mais correta.

No primeiro momento que se descumpre esses valores éticos e morais das entidades os sujeitos são advertidos que não se pode interagir contra a entidade.

[...]O pai reclama do filho até que cumpra uma tarefa: ao cumpri-la, o filho escapa às reclamações (reforçando o comportamento do pai) [...] Um professor ameaça seus alunos de castigos corporais ou de reprovação, até quem resolvam prestar atenção à aula; se obedecerem estarão afastando a ameaça de castigo (e reforçam seu emprego pelo professor). De um ou outra forma, o controle adverso intencional é o padrão de quase todo o ajustamento social - na ética, na religião, no governo, na economia, na educação, na psicoterapia e na vida familiar. (SKINNER, 1971, p. 26-27)

O condicionamento operante se caracteriza pelos estímulos criados e que geram resposta, isto é, o condicionamento operante permite determinar comportamento, além de poder moldar os aspectos necessários respondentes. Isto acontece devido aos reforços administrados, pois, há várias formas de modelagem através do condicionamento ao longo do tempo de vida, até questões sem muita importância podem se interiorizar e modelar na conduta dos homens.

A passividade perante os fatos torna-se real diante dos condicionamentos produzidos pela ordem social, nelas estão inseridas a educação, as negações da alienação, as ideologias sociais, e a própria constituição do trabalho, sindicatos, burocracias, estruturas e formas que passam a serem criadas para inviabilizar a organização social cidadãos e sua livre associação.

A educação está inserida em um contexto de domínio estatal e regime burocrático que interferem na capacidade de pensar dos estudantes, seja com a estrutura do currículo, seja na organização de regras e controles criados pelas escolas. A educação pública ainda mais expostas a ordens externas não conseguem ser significativamente fortes para ir contra projetos e leis que regulamentam o ensino. A educação que antes apresentava-se como libertadora no iluminismo, apresenta-se hoje como apenas mais uma etapa de seleção para a “meritocracia” no capitalismo.

CRÍTICAS AO PROCESSO DE EDUCAÇÃO REPRODUTIVISTA: O sadismo/ masoquismo da educação

Na teoria do conhecimento, entre as várias filosofias, a maior preocupação não está sobre os métodos para se obter o conhecimento, mas sobre o próprio conhecimento adquirido e seus fundamentos universais, se os conhecimentos são conseguidos pela experiência ou pela consciência abstrata e racional. Embora seja evidente as estruturas do conhecimento, como se dá e como se fundamenta, poucos se perguntam sobre o uso, as finalidade e a quem esse saber privilegia.

A educação não teve inicio na sociedade capitalista, mas nela se ampliou em grande escala, a construção de uma ampla escola popular de massa com dupla finalidade, promover a substituição de mão-de-obra na manutenção das forças produtiva e a passivação perante a alienação desempenhada no trabalho. O aprender não apenas demonstra seu lado necessário à constituição das riquezas existentes, mas demonstra também seu lado perverso na medida que ideologicamente, não leva as problemáticas sociais para o inconformismo, mas prepara os futuros trabalhadores a aceitarem seus postos de trabalho sem ao menos perceberem que estão sendo vitimados na condição de alienação no seu trabalho.

O masoquismo no processo educativo pode ser defendido como a condição em que um sujeito se coloca numa determinada situação de submissão e espontaneamente sujeita-se a um determinado sofrimento físico e moral. Desse modo, a educação para o masoquismo é uma intervenção que o sistema educacional desenvolve para amenizar a entrada dos estudantes ao mercado de trabalho, mercado de trabalho esse que representa a espoliação e toda a alienação exercida pelo capitalista para a obtenção da propriedade privada.

O sadismo na educação pode se definir como a condição em que um sujeito espontaneamente exercer um sofrimento físico e moral a outra pessoa no intuito de satisfazer à necessidade do lucro. Mesmo que as várias instâncias da educação não estejam convencidas de que são funcionários do Capital, ainda assim a escola em todas as suas características cumprem suas regras, sejam elas pelas leis do Estado ou pelas Leis de Mercado.

A princípio poderíamos interpretar estes termos como pura e simples relação de submissão por interesses mútuos, mesmo que particularmente eles possam parecer estranhos, mas para entender o termo no sentido proposto, precisamos nos abster das provocações morais que suscitam dessas palavras.

Para Marx, a natureza humana não é ruim, mas o que faz com que um homem domine outro homem é a relação que se estabelece pelo dinheiro, nessa relação tudo se torna mercado, inclusive amor entre homem e mulher. Para se ter uma relação que valorize os humanos é necessário colocar o dinheiro como objeto e o homem como centro dessa busca.

O dinheiro, em virtude da propriedade de tudo comprar, de se apropriar de todos os objetos, é, conseguinte um objeto por excelência. A universalidade da sua propriedade é a onipotência da sua natureza, considera-se, portanto, como ser onipotente... O dinheiro é alcoviteiro entre a necessidade e o objeto, a vida do homem e os meios de subsistência. (MARX, 1988, p.230)

Pela própria demanda de mão de obra profissional, a educação no sistema capitalista sempre é mantida em uma camisa de força, limitada e condicionada a função social de reproduzir na educação preceitos da sociedade capitalista. No *masoquismo* considera-se muitas vezes como um termo relacionado ao sentimento, seja ele de desejo e ao sofrimento. Na educação a sua definição está inserida na ideia de submissão, como a condição de se submeter a uma relação necessária, ou seja, estudar para trabalhar, trabalhar para sobreviver.

Assim a busca pela educação capitalista está relacionada com a busca pela alienação do trabalho, subserviência, sofrimento físico e moral. O *masoquista* seria o trabalhador que não tendo o que vender, vende sua força de trabalho, passa a entregar tudo o que produz para esse outro que o compra, mas não o compra por inteiro, mas apenas o que torna útil a produção.

Podemos dizer que o capitalista nunca se satisfaz com apenas a obtenção do lucro máximo, pois não há limite para o lucro, ao não perceber a condição humana dos trabalhadores a única visão possível para o capitalista é uma visão econômica, há um sadismo nessa condição de transformar toda a educação em um instrumento permanente de transformação de humanos em mercadoria, onde toda a capacidade humana está medida na forma de expectativa relacionada ao usufruto dos trabalhadores e de seus resultados econômicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação na sociedade capitalista torna-se esteio para esperanças inócuas e superficialmente sobre o desenvolvimento da humanidade. Muitos imaginavam que uma pessoa escolarizada poderia se defender em uma luta de classes, mas apenas a educação não é suficiente para salvar o mundo das desigualdades, ao contrário, a educação torna os sujeitos mais dóceis diante de suas lutas.

Se as ideias iluministas de que a educação poderia salvar os humanos (da ignorância) for comprovadamente falsa, o que nos sobra; a quem educar e para quê educar? Como criar uma escola que não seja manipuladora e condicionada se todas as estruturas sociais determinam o que a escola deve ser. A principal questão traçada nesse texto e que merece destaque, está relacionada com a ética que se baseia a educação formal.

O Estado, como a grande força ideológica de uma classe social, emprega em duas vias sua força, em vias pacíficas com instituições impregnadas e inseparáveis na sociedade com preceitos falsos e conclusões enganadoras como a educação. Também utiliza a via opressora, com grande eficiência militar. Esse poder exercido na sociedade demonstra que nem a educação nem a ideologia

dominante são capazes de resolver o paradoxo entre desenvolvimento econômico e uma sociedade justa harmonizada.

As ideias de liberdade defendida na sociedade tornam-se um exemplo claro da força ideológica que é sustentada por uma retórica que não se faz perceber, segundo essa ideia os sujeitos são livres, mas essa liberdade se restringe no poder de compra, na possibilidade de consumo.

Os processos educativos preparam os sujeitos para o mercado de trabalho; o poder do trabalho exercido de maneira ideológica e repressiva contribui com fator condicionador, faz com que os trabalhadores não percebam o sentido *strictu* e *latu* da *alienação* do trabalho. O motivo da passividade dos sujeitos não se dá por apenas uma única via, mas por uma série de pré-condições que começam pela educação e terminam no condicionamento dos trabalhadores.

O condicionamento operante não é desenvolvido por força abrupto e massacrante, mas relacionadas às instituições, cada ação desejável para as instituições é recompensada, e cada atitude indesejável você é reprimido. Esse condicionamento acompanha a ideologia que se relaciona com a educação para juntos formaram sujeitos que aceitam com passividade a alienação do trabalho e a exploração dos trabalhadores. Consciente ou inconsciente da exploração a que sofrem esse conjunto de forças absolutas e definidoras dos homens dessa sociedade impede uma nova possibilidade para uma unidade de classe, e concluem com uma completa desorganização dos estudantes e posteriormente dos trabalhadores.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Luis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal Editora, 2001.
- BOBBIO, Norberto. **Nem com Marx, nem contra Marx**. Org. Carlo Violi, Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: ed. UNESP. 2006.
- FEUERBACH, Ludwig. **Preleções sobre a essência da religião**. Trad. de José da Silva Brandão. Campinas, SP: Papirus, 1989
- GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente – A teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HEGEL, G. W. F. **A Fenomenologia do Espírito**. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Vozes, 1992.
- KONDER, Leandro. **Marxismo e Alienação**: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular. 2009
- LIMA, Vinicius Siqueira. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado** – Louis Althusser: uma resenha. Colunas Tortas. Disponível em: 31 julho de 2017

<http://colunastortas.com.br/2017/06/19/ideologia-e-aparelhos-ideologicos-de-estado-louis-althusser-uma-resenha/>. Acesso em: [31/07/17].

LUKÁCS, Geog. **História e consciência de classe**. Porto: Elfos, 1980.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo, Nova Cultural, 1988, v. I.

_____. **Manifesto do Partido Comunista**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

_____. **Manuscritos Económico-Filosóficos**. Trad. Artur Morão. Lisboa, Edições 70, 1964.

MÉSZAROS, I. Marx: A Teoria da alienação. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Produção destrutiva e Estado Capitalista**. São Paulo, Ensaio, 1989.

PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SARTRE, Jean Paul. **O marxismo é um humanismo**: coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SKINNER, B. F.. **Ciência e Comportamento Humano**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____, **Sobre o behaviorismo**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1982.

VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.